

KROWA, A CORRIDA DA TORA

Saulo Petean

Os índios Gaviões (Parakatejê - os que vivem perto do rio - como se autodenominam) vivem numa reserva rica em castanhais, no sul do Pará, a 30 quilômetros da cidade de Marabá. São 120 pessoas morando em duas aldeias.

Durante dez anos foram usados como mão-de-obra pela Funai, na extração de castanha do Pará. Tempo suficiente para compreenderem que como donos legais da terra e das riquezas nela existentes, a condição de "empregados" da Funai não lhes trazia futuro nenhum. Até que em 1.976, após muita briga com a Funai, conseguiram assumir o controle da produção de castanha em suas terras, inclusive a comercialização da castanha junto às firmas exportadoras de Belém.

De carregadores do porto de Itupiranga, logo após o primeiro contato com os brasileiros, em 1.956, e como encarregados pelo prefeito daquela cidadezinha do Pará, de encher os potes de água das casas, em troca de sal, açúcar, querosene e tabaco, atualmente são patrões. Na safra de castanha, que vai de janeiro a maio de cada ano, contratam em média 60 trabalhadores kupê ("civilizados"), entre castanheiros, tropeiros e lavadores de castanha, para auxiliarem nos trabalhos da safra.

Sempre proibidos pelos chefes de posto da Funai de realizarem suas festas tradicionais, a partir de 1.975, quando conseguiram a sua independência econômica, os Parakatejê assumiram a própria recuperação cultural. Voltaram a usar pintura corporal, corte de cabelo tradicional, correr com tora e jogo de flecha.

A corrida da tora (krowa) é o ritual mais frequente que os Parakatejê (como muitas outras tribos do grupo Jê, Kraho, Canelas, Krikati, etc.) realizam. Simula uma retirada do grupo em caso de guerra.

O ritual descrito nesta cena brasileira é o ponto culmi-

nante da festa do Hok. É realizada na época de colheita das roças ou no término da safra de castanha. A "festa" dura 3 dias e compreende competição de flecha, cantos, danças e corrida de tora.

Para a corrida da tora os homens da aldeia Kaikuturê competem com os corredores da aldeia Ladeira Vermelha, dividindo-se para o ritual em metades cerimoniais. Essas metades ou times simbolizam os animais da mata.

A aldeia Kaikuturê representa a metade Teré (lontra), simbolizando os animais que vivem na água, e a aldeia Ladeira Vermelha representa a metade "Pan" (arara), simbolizando os animais do ar.

As toras foram cortadas a uma distância de 10 quilômetros, da aldeia Ladeira Vermelha, no interior da mata. Os corredores de cada time, revezando-se, conduzem a tora nos ombros até jogá-la no pátio da aldeia.

A zoadá do maracá se confundia agora, com a zoadá grossa da chuva que começou a cair. Sob o negrume imposto pela noite, Kaikuturê, dos lontras, e Prekrure, dos araras, dançavam seus bichos guerreiros, percorrendo o pátio molhado em todas as direções. Com seus cantos firmes e desafiadores, procuravam animar os companheiros, alardeando força e coragem para as metades rivais: - Kinimire wamene kokó tomô. Tomôôô!!

Desafiando a mata imensa, a chuva, a escuridão, Kaikuturê e Prekrure rompiam a madrugada cantando. Foram os únicos a ficar no pátio. Os outros Araras e lontras foram aproveitar o tempo que ainda restava antes da corrida, prá descansar no quentinho da rede com suas meti (mulheres). Só não podiam fazer kurenti - lembravam brincando os mais velhos - senão ficava fraco prá corrida.

Kaikuturê estava animado. Tiveram muita sorte na safra, nunca um hectolitro de castanha tinha dado Cr\$ 800,00 em Belém. Puderam até comprar

um Toyota, que dava gosto levar prá Marabá e despertar os olhares admirados e invejosos do kupê. "Ganhamos muito dinheiro, que até sobrou prá contratar kupê prá trabalhar nas roças e comprar rancho prá cantina. No verão que vinha chegando ninguém ia passar apertado, ninguém ia precisar fazer colar, arco e flecha prá vendê em Marabá, a troco de café, açúcar e pano prá mulher. Por isso o povo das duas aldeias tava todo unido, prá fazer a brincadeira do Hok, a festa da alegria".

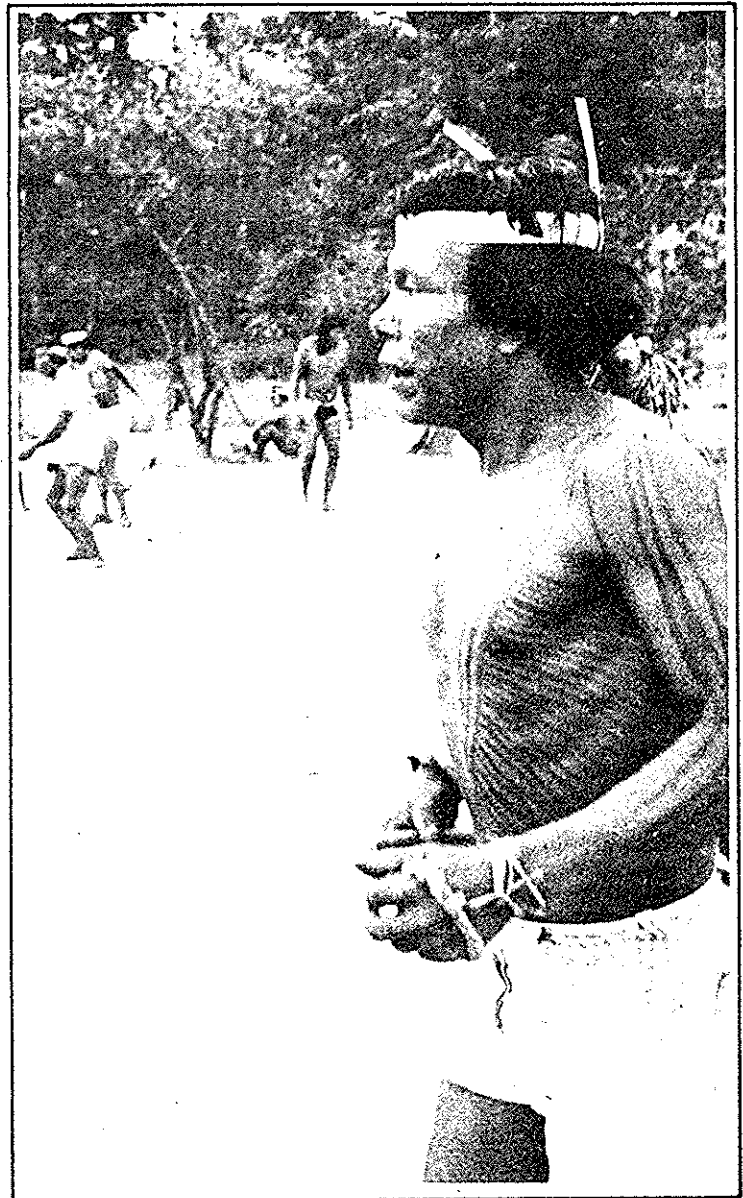
A chuva grossa parou. Kapurê, a estrada das estrelas, já estava se deitando pros lados do Tocantins, quando os mais velhos decidiram que era hora de partir. Um toque, um gemido, um resmungo e em cadeia todos se põem em pé. Tontos de sono, vão despertando enquanto afundam os pés nas poças e molham os corpos nus nas folhas.

Quando acabam de atravessar a capoeira da roça antiga e tomam a vereda da mata, os dois grupos de homens formam uma fila compacta, caminhando cúmplice com o silêncio da madrugada. Na frente vão os mais velhos e experientes. Ninguém se atreveria a lhes tomar a dianteira. É preciso conter os jovens mais afoitos. Desta vez é "Krowapejre", tora da maior que já se viu, e começar a corrida com a mata ainda escura pode deixar muita gente quebrada.

Caminharam bastante. O conselho pára e com ele todos se sentam. As toras ainda estão longe, muito depois do açazal. Mas todos ficarão ali até o amanhecer delinear o rosto das árvores, dos cipós, dos tocos, das tabocas.

Friorento, Pyrkrejimokre tenta fazer um fogueirão. Outros o imitam. Conversam baixinho, relembram antigas corridas, quando ainda eram "caboco brabo do mato".

Pyrkrejimokre pensa no seu kraré (filho) que nasceu na lua passada: "Tokurukre - comedor de berarubú - engraçado o nome que o tio botó nele. Toku-



Krohokrenhum, líder dos gaviões, pintado de ariranha

rukre nasceu num tempo bom. Muita coisa mudou mesmo prá gente. Valeu a pena toda a briga com o coronel da delegacia de Belém. A gente já tava com dez ano de trabalho com Funai. Dez ano de correria como bicho, prá embolar, cortar e lavar castanha da terra da gente e depois entregá todinha pro coronel safado. Em troca a gente recebia nadinha de dinheiro, que só dava prá rancho mesmo e promessa. Ah! isto sim... muita promessa. Que ia fazê poço, escola, professora, sete casas bonitas que nem a casa do chefe do posto, caititu prá ralar mandioca... Eu já tava véio de ouvi Funai prometê. A gente até parecia santo prá fazerem tanta promessa. Mas o que o coronel queria mesmo era o índio besta todo tempo. Mas a gente tem olho, a gente vê, a gente ouve. Me lembro direitinho quando botamos o Bandeira de Mello prá corrê da aldeia, de tanta promessa não cumprida. Se não fosse o Krohokrenhum ter se enchido de vez do coronel e

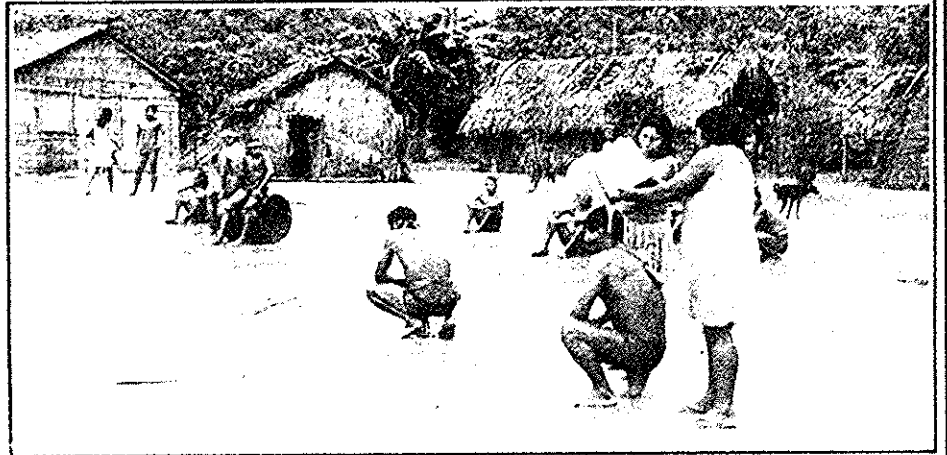
viajado prá Brasília, prá brigar com a Funai e tomá a castanha prá nós, a gente tava naquele sofrimento até hoje".

Krohokrenhum, Inxurê e Pempti esquentam as bundas na fogueira, enquanto conversam. Inxurê com seu sorriso constante, escuta atento Krohokrentuo, que fala cantando, gesticulando. As bexigas do rosto, cicatrizes que lembram a variola do primeiro contato, são reforçadas pelo vermelho do urucum e pelo brilho da fogueira. Abaixado, com o braço estendido, aponta diversas vezes uma flecha imaginária. E conta como matou um kupê, no tempo que era rapaz: "kupê passou no camiuho, castanheiro mesmo, fiquei como onça esperando ele voltá. Quase eu perco ele. Tava cansado de tanto esperá, já tava querendo ir embora, quando ele apareceu na grotá. Derrubei ele com uma flecha e meu pai acabou com ele de borduna mesmo. Kupê era duro de

continua na pg. 18



Fazendo a tora: o miolo do tronco é escavado, para ficar mais fácil de carregar



Final da corrida: as mulheres jogam água nos homens

KROWA, A CORRIDA DA TORA

morré. Wa kamon akrãme!!!”

O amanhecer já delineia o rosto da mata. Inxûrê dá o sinal: Maa!! Novo caminhar dispersando os homens na trilha. Cada qual escolhe seu *apendoxa* (adversário) com quem irá disputar os duzentos e poucos metros que conseguirá carregar a tora no ombro, para depois entrega-la ao companheiro seguinte. Se a sua turma vier na frente, por nada desse mundo deixará que o ultrapassem, inevitavelmente seria derrubado pelo *apendoxa* rival. A trilha é estreita e só dá passagem prá um corredor com a tora.

Ajanã e Jõtapti, dos lontras e Zünore e Airompokre, dos araras, os jovens mais fortes da tribo, prosseguem caminhando até o fim da trilha aonde estão deitadas as duas toras. Inteirinhas pintadas de urucum. Imensos troncos de sumaúma. É dado o sinal. Ajudado por Jõtapti, Ajanã coloca a Krowa no ombro e aproveitando um instante de hesitação dos araras, os lontras põem-se na frente em louca disparada de volta prá aldeia.

Vão brilhante, vermelho urucum no verde verde da mata. Como uma bola luminosa, suspenso, trotando no ar. Estranha, louca composição. Homens vagões, resfolegando, urrando, empurrando sempre prá frente, rompendo tudo.

Espinhando pés, ralando os ombros, os Lontras vão na frente. Por duas vezes deixaram-na cair e são deixados para trás

pelos araras. Por duas vezes também derrubaram os araras e retomaram a dianteira, graças aos ombros rijos e descansados do Kakarauna.

Na passagem do açaizal, uma eternidade suspensa. Todos afundam-se na água até o peito. De mão em mão, quase parando, ela continuou, no milagre dos músculos.

Na aldeia, as mulheres ouvindo os gritos que já chegam da mata, metem-se na trilha prá procurar ajudar os homens, no último pedaço que falta prá chegar no pátio.

É dia claro quando chegam os Lontras na frente, seguidos de perto pelos araras. Jogam a tora no pátio, sentam-se extenuados, enquanto as mulheres derramam latas de água sobre os homens esfumando de cansaço.

O ar da aldeia pintado pela fumaça da muquiça e pelas borboletas em descompassada fila amarela. Krobokrenhum começa um canto lento, mas Kuantukre toma-lhe o maracá da mão. Kuantukre apesar de perdedor e o mais antigo. Kuantukre canta a brincadeira do mejen's e as mulheres gritando batem os pés na frente dos homens, exigindo comida, paca, anta, veado, macaco, jabuti. Hoje é o dia das mêti. Elas sairão prá mata, caçar, jogar flecha e correr tora. Os homens ficarão em casa, varrendo, fazendo comida e cuidando dos filhos.